

QUINTA-FEIRA, 29-06-2011

Pergunta:

Às vezes, quando algumas pessoas ficam sabendo que eu sou espírita, começam a me questionar algumas coisas e um dos maiores questionamentos é por que o espírita acredita em reencarnação. Que eu acho que é a base de todo o fundamento da nossa doutrina, e eles questionam onde é que existe essa passagem na Bíblia, pra ter certeza que existe a reencarnação. Porque dizem que Cristo, ele ressuscitou. Então eu queria saber no quê a espiritualidade poderia nos auxiliar nesta questão.

Resposta:

Nós poderíamos ver. Todas as doutrinas que se professam em Deus e acreditam em Jesus Cristo como seu filho e reformador, ela se baseia no amor. O amor ao próximo e o amor a Deus. Essa é a nossa maneira. Qualquer doutrina que divirja disso poderá cair em contradição.

Mas a sua pergunta foi muito bem apropriada para o dia de hoje. Muitas vezes nós temos o conhecimento e não sabemos como argumentar. Tu não conheces a Bíblia? Procura lá e verás quatro, quatro momentos que seriam irrefutáveis a pergunta que a irmã te fez.

Primeiro momento: Jesus Cristo, segundo o evangelho de Mateus e João, afirma, textualmente e sem sombra de dúvidas, que João Batista é Elias. Como pode ser Elias, João Batista, senão pela reencarnação?

Segundo momento: um homem experimentado como Nicodemos, chefe de todos os sacerdotes saduceus, foi na calada da noite a arguir a Cristo o que ele sentia em seu coração, que a palavra do Cristo, ela tinha algo especial, mas ele, como chefe de todos os sacerdotes, não tinha como, à luz do dia, perguntar ou pelo menos se aproximar de Jesus Cristo, porque ele tinha vergonha, porque ele representava justamente a oposição que todo aquele Galileu vê. E, na calada da noite, ele saiu à procura do Cristo e lhe perguntou como poderia o homem ser salvo. Ele disse: *é simples, tu terás que nascer de novo*. E ele pergunta a Cristo, sem compreender: *será que eu terei de entrar no ventre de minha mãe?* E o Cristo sabiamente responde: *a carne é da carne; o espírito, ele vem de não sei onde e vai para algum lugar. Aquele que nasce da carne, da carne o é; aquele que nasce em espírito, esse é de Deus*.

Terceiro momento: Se fosse mais dirigente, procurar com melhores olhos, verás que, no Velho Testamento, no livro de Isaías, lá tem a profecia da reencarnação, daquele que estava antes, mas virá depois. O que virá depois preparará o caminho daquele que veio antes, e aquele que veio antes não vai ser reconhecido. E ele falava justamente do profeta Elias, um

homem incombustível que ensinava ao povo que Deus licenciou algumas palavras. Esse próprio povo não reconheceu o seu profeta.

Quarto momento: Se fores mais um pouco aprofundada, verás que Abraão foi chamado para um serviço. Deus chamou Abraão, não porque ele era um homem velho, mas ele, segundo a própria escritura, já estava preparado para conduzir, e sobre ele toda nação cristã se fundamentaria. Como um homem que era líder tribal, afeito à criação de cabras e carneiros, camelos e cavalos, nem sequer tinha um filho; como ele poderia estar preparado para conduzir uma nação, senão pela reencarnação?

Já te dei quatro exemplos. Pra não perderes a viagem, te darei mais um: Moisés, o gago, o homem sobre o qual desceu as primeiras condutas de uma vida social cristã. Moisés foi chamado aos pés do criador sobre uma sarça ardente e lá Deus falou a Moisés que ele conduziria o seu povo à liberdade. Moisés duvidou. Dentre outras coisas, Ele deu a faculdade, Ele mostrou que Moisés já tinha essa faculdade mediúnica da materialização, da concentração de energia para transformar a matéria bruta. Como é que Moisés tinha isso tudo e até então não sabia? Se tu voltares pro Novo Testamento, Elias, Moisés se reuniram com Jesus Cristo no monte, sob a forma espiritual, meses antes do Cordeiro subir ao seu calvário. Se esses espíritos conversaram em carne com Jesus Cristo, qual é a grande dificuldade de se entender que o espírito, ele é eterno; que ele se comunica, que ele está ali para ajudar, para orientar?

Se fosse tu, não entraria em querelas com qualquer pessoa, porque nós, a nossa briga, não é por dogmas ou por conhecimentos; exercita tua piedade para com eles e saiba que você é privilegiada. Sabe, acredita e tem o conhecimento, o que eles não têm. Não precisa ser um espírito para te dizer que haverá contestação, porque tu bem sabes, só é cego aquele que não quer ver. Nós temos que esperar o momento certo de amadurecimento de todo um manancial de seres encarnados para compartilhar conosco as nossas experiências passadas que nós estamos a distinguir. A grande dúvida não é se existem espíritos; ou demônios que se fazem passar por eles. A grande dúvida é: nós estamos cumprindo com nossas obrigações espirituais? Nós estamos amando a Deus? Nós estamos amando ao nosso próximo?

Nós não fazemos distinção de qualquer um, independente da bandeira que ele levante. Jesus Cristo nos deixou o exemplo, o exemplo que cabe aqui. Devo delinear algumas palavras sobre ele. Tu bem sabes que o homem rico que queria ter a salvação, e ainda estava vacilante sobre sua salvação, foi a Jesus Cristo e perguntou: *como poderei ser salvo?* E Ele repetiu as mesmas palavras que há pouco repeti: *ama ao teu Deus de todo teu espírito, de toda tua alma, de todo teu coração, e ama ao teu próximo como a ti mesmo.* E ele perguntou: *quem é o meu próximo?* E Ele citou a parábola do samaritano. Se tu não sabes, o bom samaritano era agnóstico, eles não compreendiam Deus como os saduceus, os levíticos; eles compreendiam Deus de uma outra forma, mais ligado à natureza, a reações meteorológicas. Para o povo, o dito povo escolhido, de Deus, eles eram hereges. Eram criaturas tais que um judeu não entrava

em uma aldeia samaritana, para não se contaminar pelas impurezas que aquele povo supostamente teria. Eis que foi o samaritano à frente do sacerdote, do homem religioso que acudiu o pobre que estava deitado à beira do caminho.

Essa é uma lição muito pouco explorada por todos nós. É a lição de entender que nós, que somos de Cristo, temos que apoiar e entender as deficiências dos nossos irmãos. Não entrar em contígüas com ele, seres que, pela pouca capacidade que têm ainda de enxergar um pouco mais longe, não enxergam ou enxergam com reservas aquilo que você acredita. Que importa? O importante é você aceitá-lo como irmão, perdoá-lo, falar como quem leciona a um filho e não como alguém que defende um ponto de vista, saber calar na hora da rigidez, pelo próprio desconhecimento deles, o que fez Jesus Cristo quando Pilatos o estava acusando, silenciou, o que fez Jesus Cristo quando todos os sacerdotes circundavam, cuspiam-lhe no rosto, esbofeteavam e perguntavam: *quem de nós fez isso?* Ele silenciou. Ao invés de tu responderes a ela, por que não perguntas? Perguntas a ela, na doutrina dela, quem é o próximo dela e o que significa “o amor ao próximo” pra ela. Se ela vai te discriminar, te tratar de uma forma diferente por não compartilhar das mesmas ideias, eis uma pergunta que todo cristão deve responder.

O importante para todos nós é: *será que aquilo que eu ouço, aquilo que eu estudo, eu estou realizando?* A sua pergunta, ela muito foi própria para o momento. Todos nós deveremos fazer essa auto-reflexão. Não basta todos nós virmos aqui, falar, testemunhar, compartilhar ensinamentos com todos os que estão presentes aqui, em carne ou em espírito, se o germe do autoconhecimento não estiver pulsante nos corações de cada um; se as lições aprendidas, elas não estão sendo levadas à prática. Se cada um aqui colocar o pé ali fora e não teimar em pelo menos exercitar o que aqui se falou, de que valeria acreditar na reencarnação?

Qual é o grande motivo de sentarem por horas, para ouvir alguém que talvez seja conhecido de alguns, mas alguém que vem e destaca. Nós temos que fazer um esforço e analisarmos o que é que nós estamos fazendo daquela porta pra fora, o que é que nós estamos colocando em prática sobre todos os ensinamentos aqui expostos, não só em espírito, mas em carne, pelo exercício da intuição de todos vocês, pelo exercício da audiência de alguns de vocês, da visão, do sentimento. É sobre isso que nós devemos, a quatro linhas, discutir. Se nós estamos amando a Deus ao ponto de saborear o destino que ele nos aponta, mesmo que esse destino seja amargo, seja difícil, seja dolorido, em carne, em sentimento e em pensamento. É sobre isso que nós falamos. Todos nós que viemos aqui temos dívidas pra acertar. Como nós poderemos acertar todas essas dívidas, evoluir espiritualmente, se nosso coração, ele balança a cada mensagem, a cada intuição, a cada resposta de pergunta, mas no primeiro embate da carne ele fraqueja? É sobre isso que todos nós devemos nos concentrar. Eu não advirto sobre a pergunta, seria um antagonismo, pois são elas que nos preparam para os nossos embates sentimentais, nossos pensamentos desgovernados, nossas ações

intempestivas. São as perguntas, são as intuições, a voz que brama dentro de cada um, são essas armas que nós devemos empunhar, em um só momento, e o escudo. Não é à toa que cada um que chega, relata a necessidade de vigília constante. A vigília, ela não se direciona aos nossos irmãos vampirizados, obsessores, transviados do caminho da luz. Não, a vigília, ela tem que ser constante pra nós mesmos. Somos nós a fonte geradora do bem ou do mal, somos nós que fornecemos a luz ou a sombra, somos nós que salvamos ou abrimos a porta da perdição. Somos nós futuros ajudantes de iras, orientadores, doadores de energia, ou seremos nós os irmãos que sugam a seiva dos sentimentos pobres e primários? Seremos nós aqueles que se apegam à vingança, a amores descabidos, se é que a palavra está corretamente empregada, seremos nós os obsessores de amanhã? É por isso que cada um que vem, à sua maneira, relata a necessidade de vigília constante. Mas a vigília, só, não basta. Necessário é orar, orar firme, com fé, com altruísmo. A oração que fazemos sem a justa resposta é a oração que nós fazemos aos nossos desafetos, aqueles que nos magoam, aqueles que nos perseguem, aqueles que nos causam temor, como alguns aqui já conseguem sentir; aqueles que compartilham com alguns as escorregadelas na vida carnal. Sim, todos nós, em espírito ou em carne, somos alvos em potencial da legião daqueles que acreditavam em Deus, mas não amavam o suficiente, que não transmutavam o seu amor a Deus, ao próximo, ou alguém de vida aqui que esses irmãos, que perseguem alguns, também não acreditavam, talvez fossem fervorosos em suas doutrinas, mas esqueciam que nem todo aquele que diz “meu Deus, meu Deus” será liberto das correntes que nós insistimos ainda em arrastar, por encarnações e encarnações. São esses sentimentos que nos tomam de supetão, são aqueles que nós escondemos dos nossos inimigos que alimentam as nossas fraquezas, esses nós devemos estar vigilantes e orar, orar pra pedir força, resignação, paciência, e pedir mais trabalho, mais tormenta. Sim, quanto maior a dificuldade, mais límpido o espírito persevera. Aqueles que insistem em adiar o seu compromisso talvez tenham resistência inócua, refestelada sobre os prazeres que a carne proporciona e, às vezes, o espírito também, mas aquele que nega a si mesmo vai de encontro ao infortuno do seu irmão e atende a ele sem olhar o que a sua mão direita pôs sobre ele. Esse, antes do último suspiro, sentirá a presença de dezenas de outros que foram beneficiados por um gesto simplório, efêmero, de amor.

É sobre isso que nós temos que discutir aqui. É sobre essas anuancias que nós devemos nos debruçar, desvendar todas as perguntas, por mais simples que sejam, deverão ser ostensivas e relatadas, para que não só todos dessa camada vibracional, mas aqueles de vida de uma esfera melhor, mais harmônica, ou aqueles que se angustiam na presença da luz, a luz do conhecimento, a luz do amor, a luz do perdão, também deve ter a oportunidade de ouvir a pergunta e também a resposta. Não se engane, cada um que se encontra aqui tem irmãos desencarnados a prestar contas. Se me permite, talvez tenham inclusive contas a acertar entre vocês. Ou vocês acham que estão aqui por um acaso, por ironia do destino? Alguns aqui foram chamados e conduzidos pelo mal-estar, por uma dor de cabeça infundada.

Sim, foi trazido aqui para saldar-vos vossas dívidas. É triste, é incômodo, mas todos nós, e a mim não me excludo, todos nós temos dívidas a saldar. Um amor que não se tornou completo, uma desavença que não foi desfeita, uma vingança desmedida, uma agressão infundada. Tudo isso nós temos sobre essa vez. Como devemos saldar? Cada um, cada um, terá que saldar a sua própria dívida. Pelo caminho mais suave, que é amando incondicionalmente, perdoando facilmente, ou pela angústia e pela tristeza da erraticidade dos espíritos, da agonia de estar preso a alguém por uma dívida, um deslize diminuto, por uma invigilância, por um destempero emocional, por uma fraqueza sentimental. A escolha é nossa.